



A DIALÉTICA E O ACABAMENTO ESTÉTICO NO DIALOGISMO DE BAKHTIN

DIALECTICS AND AESTHETIC FINISHING IN BAKHTIN'S DIALOGISM

Patrício Câmara Araújo¹

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de compreender o processo dialético no dialogismo de Bakhtin. Para isso, foi realizada uma análise da perspectiva dialética bakhtiniana nos textos O autor e a personagem na atividade estética, Metodologia das Ciências Humanas e Para uma filosofia do ato responsável. Bakhtin desenvolve sua perspectiva dialógica de linguagem no contexto semiótico da estética na interação verbal. Ele apresenta um materialismo dialético com a síntese, compreendida enquanto um acabamento, em uma imagem, forma espacial da personagem, que reúne os seus elementos estéticos, produzida em uma situação concreta. Assim, o materialismo dialético em Bakhtin tem a sua dinâmica na alteridade, em um contexto axiológico no qual produz o acabamento estético do indivíduo na interação dialógica, com signos em conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; alteridade; dialética; acabamento estético.

ABSTRACT: The aim of this study is to understand the dialectical process in Bakhtin's dialogism. To this end, an analysis of Bakhtin's dialectical perspective was carried out in the texts The Author and the Character in Aesthetic Activity, Methodology of the Human Sciences, and Towards a Philosophy of the Responsible Act. Bakhtin develops his dialogical perspective of language in the semiotic context of aesthetics in verbal interaction. He presents a dialectical materialism with the synthesis, understood as a finish, in an image, the spatial form of the character, which brings together its aesthetic elements, produced in a concrete situation. Thus, Bakhtin's dialectical materialism has its dynamics in otherness, in an axiological context in which it produces the individual's aesthetic finish in dialogical interaction, with conflicting signs.

KEYWORDS: Bakhtin; alterity; dialectic; completion aesthetics.

INTRODUÇÃO

O método dialético contribui para as pesquisas em Ciências Humanas. A principal contribuição dele é possibilitar a identificação de conflitos, tensões e ambivalências, além

¹ Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS/UnB). IFMA. E-mail: patriciofilosofia@ifma.edu.br



de se contrapor às perspectivas monistas e dualistas. O objetivo deste estudo é compreender o processo dialético no dialogismo de Bakhtin. Para isso, tivemos como objetivos específicos: 1) identificar os conceitos que indicassem a perspectiva do materialismo dialético nos textos *O autor e a personagem na atividade estética* (1924), *Metodologia das Ciências Humanas* (1975) e *Para uma filosofia do ato responsável* (1979- 1929); e 2) promover o diálogo entre os conceitos identificados, nos textos de Bakhtin, com a tradição filosófica, para situar, em relação a ela, o pensamento bakhtiniano em seu caráter dialético. A contribuição deste estudo está em possibilitar um maior aprofundamento acerca do conceito de estética no pensamento bakhtiniano. Além disso, ele promove uma maior aproximação entre a filosofia, a linguística e a literatura, por trazer a discussão da dialética no contexto do dialogismo de Bakhtin em relação ao conceito de acabamento, em sua perspectiva estética. Por diferenciação, também situa a filosofia da linguagem desse filósofo no contexto da tradição filosófica e como ele pode dialogar com o aristotelismo e com o neokantismo. O texto, *O autor e a personagem na atividade estética*, compõe a obra *Estética da criação verbal*.

Outro texto é o *Para uma filosofia do ato responsável*, o qual foi elaborado no tempo em que Bakhtin ainda estava em Vitebsk, onde dialogou com o crítico literário Medviédev, membro do “Círculo de Bakhtin”, um de seus amigos mais íntimos nesse momento (Medviédev, Medviédeva, Shepherd, 2016). Ainda para esses autores, o texto *Metodologia das Ciências Humanas* foi o último texto produzido por Bakhtin. Bakhtin (2015), pela via do materialismo dialético, identifica a dialética nas contradições dos processos de interação dialógica, para além dos dualismos. Para o materialismo dialético²

² Mora (2001) diferencia o materialismo dialético (Diamat) do materialismo histórico-dialético (Hismat), nas línguas em que o adjetivo precede o nome, a exemplo do russo e do alemão. Esse autor destaca que, para alguns autores, o materialismo histórico está incluído no dialético. Nesse sentido, ele destaca o jovem Marx, que o elaborou com clareza o materialismo histórico em Manuscritos econômicos e filosóficos (1844).



“[...] os fenômenos materiais são processos [...]” (Mora, 2001, p. 461). Volóchinov (2017), membro do círculo de Bakhtin, destacou que as interações dialógicas acontecem entre consciências socialmente organizadas no processo da interação entre os enunciados. Assim, no dialogismo bakhtiniano a consciência se constitui na alteridade, em uma fronteira que é social. Sobral e Giacomelli (2016) destacaram que na obra de Lênin, *Materialismo e empiriocriticismo* (1909), são apresentados os aspectos centrais do materialismo dialético. Os autores afirmam que essa obra influenciou o pensamento bakhtiniano, na perspectiva ampla dos fenômenos e não acadêmica e/ou mesmo partidária.

A dialética busca a unidade do fenômeno objetivo, que também era defendida pelo neokantismo de Herman Cohen³ (1842-1918), professor de destaque em Marburg. Para o neokantismo de Cohen, a unidade do fenômeno objetivo é uma síntese elaborada pelo entendimento (Röd, 2008). Nesse sentido, as impressões são experiências objetivas recepcionadas pelo “eu”, logo, dependentes dele. Tais impressões não são experimentadas de forma isolada, por serem vinculadas através das categorias do entendimento, que são dependentes das categorias da intuição, como o tempo e o espaço. Dessa forma, a intuição está diretamente relacionada ao entendimento; então, o tempo e o espaço têm caráter cognitivo, tanto para os neokantianos como para Bakhtin. Entretanto, é fundamental reconhecermos que há uma diferença entre a unidade das impressões, no fenômeno, da forma como é concebida pelos materialistas dialéticos e da que é configurada pelos neokantianos. Essa unidade, enquanto síntese, para os neokantianos, não tem contradição; em contrapartida, para os materialistas dialéticos ela preserva a contradição entre a tese e

³ Cohen tinha o objetivo de eliminar a metafísica do criticismo kantiano. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele percebeu uma luta entre a cultura empírico-utilitarista e a idealista. Ele identificava uma teoria da experiência na Crítica da Razão Pura, conforme a concepção de que experimentamos os objetos, e sobre isso é necessária uma análise lógica transcendental.



a antítese. A síntese, enquanto acabamento, na estética de Bakhtin⁴ - por conter conflitos - é provisória, em uma transformação constante a cada situação concreta. As sínteses são produzidas a cada 'inacabamento', quando uma imagem se “desmancha no ar”, para usar a expressão marxista. Não há dialética sem síntese e ela é constante, em uma dinâmica entre a unidade e a multiplicidade (Pizzatto, 2019). Assim são os acabamentos na estética de construção verboaxiológica, com palavras, enquanto signos ideológicos que implicam valor. O indivíduo se constitui na unidade-síntese, acabamento que o outro elabora sobre ele em seus encontros dialógicos. Para Bakhtin, a constituição do indivíduo se dá a partir da alteridade, pois a consciência do outro constitui o indivíduo, como Faraco (2009, p. 96), no uso de termos mais hegelianos, comentou:

Essas reflexões todas têm, como pano de fundo, o pressuposto bakhtiniano forte do primado da alteridade, no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir (ou, num vocabulário mais hegeliano, o eu-para-mim-mesmo se constrói a partir do eu-para-os-outros.

Diante disso, a perspectiva da constituição da consciência na relação social se dá no contexto de uma infinda dialogização da heteroglossia, em um processo de constituição verboaxiológica (Faraco, 2009)⁵ com múltiplas vozes sociais (Bakhtin, 2015) direcionadas

⁴ Essa perspectiva estética é diferente da estética do belo, na tradição filosófica, por estar relacionada à elaboração de uma imagem, enquanto acabamento estético no contexto de uma produção literária do autor-criador sobre a personagem, com destaque para o romance. A questão, portanto, não é o belo, mas uma construção plástico-pictural de caráter semiótico-axiológica de perspectiva dialógica do materialismo dialético.

⁵ Nesse sentido, ressalvadas as diferenças entre materialismo e idealismo, a perspectiva de uma infinda dialogização da heteroglossia no pensamento bakhtiniano (Faraco, 2009) tem uma semelhança aproximada à ontognosiologia hegeliana. A dialética em Hegel continua em um movimento constante. Na obra *Menos que nada*, Žižek (2013) apresenta uma reatualização do pensamento hegeliano a partir de uma perspectiva do materialismo dialético em interlocução com a psicanálise de Lacan. Nesse texto, o filósofo esloveno problematiza a negatividade hegeliana e a entende ao nível zero, como uma afirmação excessiva; pois, após alcançar o esvaziamento da dialética se alcança a confirmação dela e a sua reafirmação, em um movimento infindo.



para a eventicidade do ser. Nessa eventicidade, evento do enunciado, como processo dialético do conflito entre signos, na situação concreta, os indivíduos da interação dialógica assumem posicionamentos axiológicos, de valor, ao usarem esses signos em um contexto discursivo. Pois, a interação é um acontecimento social em contexto axiológico, no qual se dá a dialogização de axiologias (Faraco, 2017). Perspectiva axiológica que compartilhou com os neokantianos.

Como procedimento metodológico, foram selecionadas as obras de Bakhtin, que possibilitaram uma maior discussão sobre o conceito de acabamento estético. Esse conceito está relacionado à síntese, imagem, que os indivíduos elaboram um sobre o outro, a partir da qual o indivíduo se constitui. Após a seleção das obras, fizemos uma leitura interpretativa, em seguida selecionamos os excertos que apresentaram uma perspectiva dialética e destacamos os conceitos de alteridade, corpo, alma, acabamento, imagem, espaço e tempo. Feito isso, os conceitos foram colocados em diálogo com a tradição filosófica que teve influência sobre a filosofia de Bakhtin, previamente identificada mediante uma revisão bibliográfica de artigos científicos sobre o pensamento bakhtiniano.

DIALÉTICA, ALTERIDADE E CONSCIÊNCIA

Em 1974, ao ser entrevistado por Viktor Duvakin, Bakhtin afirmou ser filósofo. Esse filósofo nasceu em 1895, em Oriol (Rússia). A partir de 1929, um grupo de intelectuais, conhecido como o Círculo de Bakhtin, se reunia regularmente, com início em Nevel, depois Vitebsk e em seguida São Petersburgo. Entretanto, em 1929, Bakhtin foi condenado ao exílio no Cazaquistão, sob a acusação de participar de um grupo religioso denominado Ressurreição, que as autoridades da época afirmaram ser da intelligentsia de direita



(Renfrew, 2017). Após a segunda guerra, trabalhou como professor de literatura universal no Instituto Pedagógico de Saransk e faleceu em 1975 em Moscou. Na década de 60, Bakhtin emergiu do ostracismo na academia da União Soviética.

Isso, porque o contexto cultural de 1910, na Rússia, a 1920, na União Soviética, precedeu a era stalinista, que aniquilou as tendências culturais contrárias à sua ideologia estatal. Dentre as suas obras, na década de 20, temos: *O autor e o herói na atividade estética* e *Para uma filosofia do ato*. Faraco (2009) destacou que o círculo de Bakhtin era constituído de um grupo interdisciplinar, a saber: Volóchinov, Medvedev, Bakhtin, Pumpianski, que estudava literatura, Yudina, pianista, Ivan Kanaev, biólogo e Matvei Kagan, filósofo neokantiano. Esse autor também ressaltou as três principais reflexões do círculo: a) a eventicidade e unicidade do ser; b) o conteúdo axiológico da existência humana e c) a relação eu-outro. Elas foram abordadas por Bakhtin, não pela via especificamente filosófica, mas de uma filosofia primeira que se configurou em uma interlocução com a linguística, com a linguagem e com a estética literária (Renfrew, 2017).

A eventicidade do ser está relacionada ao lugar único que o indivíduo ocupa na existência, sem alibi, em um evento irrepetível. É um ato na interação dialógica, que implica posicionamento de valor, em uma situação que comporta, nela mesma, a sua própria verdade, identificada na palavra russa pravda. Diferente da concepção de verdade, aletheia, enquanto desvelamento da realidade, que está no contexto da metafísica clássica. Essa perspectiva dialoga com sua época de transição do século XIX para o XX, caracterizada como materialista. O círculo de Bakhtin se direciona para o problema da linguagem no contexto de 1925/1926, como temática que envolve o evento único do ser, que é problematizado no pensamento bakhtiniano. Em 1961, em uma carta a V. Kozhinov, Bakhtin destacou que a linguagem era o elo do círculo. A linguagem com uma perspectiva



axiológica e de interação dialógica era o que promovia a convergência teórica do círculo de Bakhtin (Faraco, 2009).

O “Círculo de Bakhtin”, que teve como um dos membros Valentin Volóchinov (1895-1936) filósofo e crítico literário, apresentou uma concepção de filosofia da linguagem. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Volóchinov, ele apresenta a consciência constituída por signos, em processo de interação dialógica. Nesse texto, Volóchinov (2017) diferencia o tema, aquilo que é irrepetível e irreiterável - relacionado à situação concreta do enunciado concreto - da significação, o que é repetível e reiterável, relacionada à língua enquanto sistema. O enunciado concreto, valoração no uso dos signos, é uma alternativa brasileira para a tradução do termo russo *sobytié viskazivanie*, “evento do enunciado”, que faz alusão ao termo *viskazivanie*, “enunciado”, termos que estão relacionados à interação verbal (Sobral; Giacomelli, 2016). A consciência ao ser constituída de conteúdo semiótico também experiencia a dinâmica conflituosa entre os signos ideológicos que apreendeu na interação dialógica. O signo ideológico por excelência é a palavra, enquanto uma arena de luta entre valores. Por isso que ao ser usada ela refrata o posicionamento axiológico, ao assumir valores, do indivíduo diante do ato enunciativo do outro. Esse movimento é dialético.

A dialética, que implica oposição entre signos, possibilita a constituição do signo, enquanto fenômeno exterior. Isso acontece em uma arena de conflitos semióticos intensos nos diversos encontros interlocucionais do cotidiano. O signo traz a dialética nele mesmo, porque dela foi constituído. A palavra enquanto signo ideológico é dinamizada pela luta ideológica que nela opera. Dialética que sustenta o dialogismo bakhtiniano na transição entre aquilo que é da situação concreta, tema, e o que é da significação, do contexto da língua, sem esse movimento, a palavra permaneceria uma síntese imóvel no tema ou presa em um círculo vicioso na significação, sem produzir síntese (imagem), acabamento.



A linguagem, em sua dinâmica comunicacional, tem o enunciado como um ato de fala da interação verbal. O enunciado é um momento na eventicidade, ato único do ser, a qual possibilita, através dele, a percepção da arquitetônica das relações interpessoais. Nesse contexto, de interação dialógica, a consciência tem uma experiência que é a compreensão organizada na situação de enunciação, a qual é incorporada ao enunciado e lhe dá sentido. A compreensão dos atos de fala emerge no contexto dialógico, com valores que se diferenciam quanto à profundidade (Bakhtin, 2015). Outra compreensão é a do sentido da expressão do outro, com elementos de seu corpo e atos de fala, a partir da qual se produz a imagem como um todo semântico. Imagem preenhe de valores, articulada com traços plástico-picturais de um comportamento verbal desenvolvido no encontro fronteiriço entre as vozes.

No ato, como acontecimento estético, o autor enforma a imagem de uma personagem a partir de uma perspectiva axiológica. Imagem que emerge do acontecimento, ela pode ser entendida na figura do Janus bifronte, divindade romana das transições. O Janus é a presença tanto do mundo da cultura, pensamento, como do mundo da vida no ato, enquanto evento único. O ato, atividade da existência axiológica, é uma experiência como processo e produto, que não se reduz ao dualismo entre o pensamento e a vida. Contexto no qual o sentido emerge do ato, evento concreto de enunciado, que acontece em processo único e unitário (Bakhtin, 1993 [1920-1924]). Sentido da imagem acessado por outro sentido de igual forma, em uma relação dialógica que amplia o contexto. A interpretação do sentido é cognitiva com os seus próprios elementos para o conhecimento.

O acontecimento irrepitível afirma a sua verdade em seus tons emocionaisvolitivos, expressões que organizam a linguagem, com o sentido na eventicidade do cronotopo. Eventicidade que significa o ato irrepitível em uma situação concreta no espaço-tempo.



Espaço e tempo que enquanto formas mais imediatas da realidade são também cognitivos e compõem o cronotopo das relações interindividuais. Nesse contexto, se dá a constituição do indivíduo em um processo de identificação ativa, por empatia, no entre lugar fronteiro do eu-outro; no qual é produzido o acabamento estético do indivíduo, que ao apreender tal acabamento se constitui. O acabamento é estético por ser um todo organizado, que reúne o outro em uma imagem, de valor plástico-pictural.

O mundo no qual o ato ou ação realmente se desenvolve, no qual ele é realmente completado, é um mundo unitário e único, experimentado concretamente: é um mundo que é visto, ouvido, tocado e pensado, um mundo impregnado em seu todo dos tons emocionais volitivos da validade afirmada dos valores (Bakhtin, 1993, p. 57).

O outro é responsável pelo acabamento que realiza sobre o indivíduo a partir de seu horizonte de visão no encontro fronteiro das consciências. Para Bakhtin (1993 [1920-1924]), não há álibi na existência, o que significa que o indivíduo ao enunciar para o outro da interlocução, em uma situação concreta, é responsável pelo que profere, porque está na situação como participante. O enunciado que o outro elabora, sobre o indivíduo, é a partir de uma exterioridade, que lhe possibilita ter um excedente de visão sobre o seu interlocutor. Esse excedente é o acesso a elementos transgredientes, que na situação concreta o outro não tem de si, por estarem para além de seu horizonte de visão. Em Bakhtin, o horizonte não é uma visão global de mundo, na perspectiva da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (1900- 2002), que destacamos para fins de elucidação sobre a concepção de horizonte em Bakhtin. Sobre o horizonte na hermenêutica gadameriana, Lawn (2007, p. 92) comenta: “[...] o pensamento aqui é: ter um horizonte é ter uma perspectiva sobre o mundo [...]”. O horizonte em Bakhtin está relacionado à visão valorativa que o indivíduo tem sobre o outro, em uma situação concreta, em um contexto



de elementos transgredientes. É o horizonte enquanto síntese concreta da experiência que o indivíduo tem do interior do outro. Bakhtin (2015, p.21) apresenta a concepção de [...] “horizontes concretos efetivamente vivenciáveis [...]”.

A experiência, construída no contexto da alteridade, é objetiva e possibilita a construção em unidade das impressões que produziu. O indivíduo, ao elaborar as relações entre os elementos estéticos no evento do enunciado, usa signos a partir dos quais realiza valorações em seu horizonte de visão. Uma atividade artística que elucida as valorações é a do pintor. Os olhares, com seus próprios horizontes de visão, se encontram entre o pintor e quem ele pinta. Na pintura está a imagem, da própria personagem e do mundo em que ela vive, criada com material verbal (Bakhtin, 2015). Imagem que apresenta o que o pintor vê daquilo que a personagem vê, pois só o autor pode elaborar o todo que a define. Isso, porque a personagem não pode ter uma visão completa de si, possibilidade que encontra no outro, o seu criador; aquele que diz sobre o indivíduo-personagem, e, a partir do qual, o indivíduo se constitui no momento dialético do outro para mim.

O autor-criador está no todo de sua obra, enquanto unidade entre o conteúdo e a forma. Contudo, é na forma que podemos identificar com maior clareza a sua presença (Bakhtin, 2015). Se o caminho para o autor for através do conteúdo, encontraremos o escritor e não o criador. Bakhtin (2015) comenta a figura do criador utilizando os termos *natura naturans*, *natureza geradora*, e *natura naturata*, *natureza gerada*, do filósofo Baruch Spinoza (1632-1677). Dessa forma, o indivíduo não pode ser o herói de sua história, pois os momentos são narrados pelo outro. Narrativa da qual se apropria e se constitui a ponto de dizer sobre eventos que não presenciou, mas que ouviu de outros sobre si, como o nascimento através da voz da mãe. É o outro no eu, problematizado na estética



bakhtiniana, que apresenta a relação entre o autor e a personagem, como análoga à da vida social entre o indivíduo e o outro⁶.

Amorim (2016) apresenta um exemplo desse acabamento estético do outro sobre o indivíduo, enquanto elaboração de uma imagem de totalidade, com o quadro “retrato de Dora Maar” de Picasso, de 1941. Nele, o pintor elaborou, de sua exterioridade, uma imagem de totalidade da mulher que chora, que sofre; em uma multiplicidade de olhares com um movimento que promove o acesso ao sentido do objeto e não ao objeto em si. A constituição a partir do outro acontece na alteridade, por isso não é representacional como um autorreconhecimento. Bakhtin (2015) apresenta o autor-outro dotando a personagem-indivíduo de uma consciência própria, independente dele. Logo, a personagem não pode atribuir forma a si; então, não promove sua autoconsciência.

IMAGEM COMO ACABAMENTO ESTÉTICO

A imagem do todo no acabamento estético é a atribuição da forma espacial da personagem, e do mundo dela, elaborada pelo autor. Assim também acontece na relação dialógica entre o mim e o outro. Conforme Mora (2001), a forma na tradição filosófica tem quatro sentidos: a) o metafísico, enquanto universal e subsistente em si, inerente ao objeto; b) o lógico, quanto àquilo que é inalterável, por se referir às partículas lógicas de uma proposição da lógica formal; c) epistemológico, ao ordenar os dados da experiência sensível, como no criticismo kantiano, com as formas a priori da sensibilidade, espaço e tempo e d) o estético, com o seu caráter singular. É nesse sentido estético de uma forma singular, síntese (totalidade) do horizonte de visão do indivíduo sobre o que ele

⁶ Na estética bakhtiniana, a eventicidade, enquanto um ato enunciativo encarnado, acontece em um processo contínuo no encontro interindividual do indivíduo com o outro que o constitui (RENFREW, 2017).



experiencia da expressão do indivíduo no ato, evento único e unitário, que é caracterizado o acabamento estético no pensamento bakhtiniano.

Diferente de Kant, Hegel (1770-1831) apresenta a unidade essencial entre o ser (eu transcendental) e o não-ser (eu-empírico), na síntese. Diante disso, perguntamos: como o pensamento bakhtiniano que reconhece a bipartição kantiana do indivíduo, como condição de possibilidade para a sua constituição na alteridade entre o eu e o outro, pode apresentar uma dialética? Isso seria possível se a dialética em Bakhtin não produzisse síntese, pelo menos não no sentido idealista hegeliano. Entretanto, o conceito de acabamento nos textos *O autor e o herói na atividade estética* e *Para uma filosofia do ato responsável* sugere uma síntese. Diante disso, estaríamos em uma aporia no pensamento teórico bakhtiniano? De forma nenhuma. O dialogismo bakhtiniano apresenta um materialismo dialético, com um indivíduo bipartido, portanto, sem síntese do sujeito elaborado por ele mesmo, mas pelo outro em uma imagem que o reúna em um todo. Diante disso, o acabamento estético não é uma unidade entre o transcendente e o empírico, o que possibilitaria uma autoconstituição e não a constituição na interação dialógica em processo de alteridade.

Os indivíduos não podem enformar a si, como afirmou Bakhtin (2015, p. 185). “[...] Não podemos atribuir a forma a nós mesmos; ao atribuí-la a nós mesmos, nós nos tornamos outros para nós mesmos, ou seja, deixamos de ser para nós mesmos, de viver para nós, tornamo-nos possuídos [...]”. Isso porque “[...] eu-para-mim sou esteticamente irreal [...]” (Bakhtin, 2015, p. 174). Ao contrário disso, se o indivíduo atribuísse forma a si, cairia em uma representação de si e já não estaria afirmando de si, mas de uma abstração que emerge de um monólogo, o qual ainda assim, teria um nível, embora baixo, de dialogicidade, mesmo diante da ilusão de estar dizendo sobre si algo isento do outro.

Para entendermos melhor essa discussão, vamos continuar com a abordagem sobre a relação entre Bakhtin e o neokantismo. Bakhtin concorda com o criticismo kantiano



quanto à sua concepção de tempo e espaço relacionados à cognição (Holquist, 2015). Entretanto, ao discordar que não são formas a priori da sensibilidade, na perspectiva do transcendentalismo – por considerar que são as formas mais imediatas da realidade – ele está reconhecendo a cognição não como uma estrutura idealista ou cognitivista, que considera a linguagem como expressão do pensamento em sentenças estruturadas gramaticalmente, mas como condição da linguagem em uso. Uma cognição que não está separada do corpo, porque o corpo do falante se expressa em um processo comunicacional, com uma voz própria, enquanto posicionamento que o outro assume diante de um discurso.

Esse ser falante que se expressa, no dialogismo bakhtiniano, é cognitivo e se posiciona de forma autoral nos contextos interlocucionais. É uma dialética que se configura na responsividade ao outro. Processo em que o indivíduo, autor (leitor), se identifica com o outro, herói. Identificação que acontece ao se compenetrar na experiência alheia a ponto de passar a experimentá-la como sua; o que só é possível no encontro ‘corpo a corpo’, em um romance da realidade; embora tenha viva essa experiência diferente da forma como o outro a vive. Portanto, há de se reconhecer, a partir disso, que o romance é a arena dialética, por excelência, do processo polifônico. Vozes em conflito e posicionamentos em contradição. Uma narrativa com uma intensa circularidade de significados e valores. Não se trata de elementos isolados, com personagens em posições fixas e orientadas por representações pseudoestáveis. Arena em que os processos semióticos são dinâmicos e complexos, ao nível de encontros interlocucionais de situações concretas.

O processo polifônico, como pluralidade de vozes coexistentes e independentes, acontece na dialética entre as vozes das personagens de uma narrativa. As personagens são para os outros, que são outras personagens ou o autor-criador. Elas estão em um lugar



exterior, do qual acessam a forma espacial da personagem, imagem, e valoram seus enunciados e expressões, produzindo a síntese de seu interlocutor, tanto no romance como na realidade. A dialética é um conceito que faz parte da tradição filosófica ocidental e tem sido apresentada como metodologia de investigação ou sistema filosófico (Pizzatto, 2019, p. 146).

Nessa tradição, a questão parmenídica, sobre o ser que é e o não-ser que não é, pode ser interpretada pelo reconhecimento de que não se negaria aquilo que não fosse, dessa forma, o não-ser é um ente. Diante disso, os mundos sensível e suprasensível se constituem em um só. A eidos (palavra grega para ideia-forma, essências imutáveis e eternas – ‘representações’), não participa do processo dialético que promove a mudança dos entes sensíveis, mediante mútuas correlações, as quais, se acontecessem no mundo inteligível das representações, destruiriam as ideias, e, portanto, a verdade, enquanto desvelamento do real, aletheia. Na tradição socrático-platônica, o todo que, enquanto ser único, é constituído do ser (unidade no mundo suprasensível) e do não-ser (multiplicidade do mundo sensível). Logo, o ser parmenídico, envolve a multiplicidade, e o nada sofístico, não subsiste sem unidade. Na modernidade, o todo, compreendido enquanto absoluto no idealismo hegeliano, também considera a relação de mútua determinação do ser e do nada (não-ser) em um processo dialético de interdependência.

Pizzatto (2019, p. 152) destaca que o ser em Hegel é indeterminado, no início, e determinado, no fim do sistema da lógica. Ela afirma que “[...] o desdobramento dialético do ser se faz pelo movimento processual gerado pela própria instabilidade no não-ser”. Assim, o movimento do nada implica o ser, pois algo passa a existir quando é negado por algo exterior, no processo de síntese, negação dessa negação. O que o ser é em si só existe quando sua autodeterminação é negada pelo não-ser. Entretanto, essa mútua determinação é uma negação que se ancora no princípio da não-contradição da lógica



formal, que visa a identidade, eu igual ao eu, A é igual a A, sem uma síntese. Nesse sentido, Espinosa (1632-1677) seguiu com o seu método geométrico (Pizzatto, 2019). Diferente da concepção spinozista, o hegelianismo elaborou a negatividade, enquanto negação da negação (entre o ser e o nada); pois o ser se negou – pôs-se perante si - e não apenas foi determinado pela sua negação – a fim de ser para si - mas retornou para si, dessa negação, e se constituiu em si. Esse é o movimento dialético da ontognosiologia, no desenvolvimento da consciência no processo de reconhecimento de si⁷.

Em um sistema lógico, as sínteses, que nascem da mútua determinação entre o ser e o nada, caminham para uma unidade mais resistente. Processo em que o ser, ao buscar a si, entra em contradição, devir, no qual é e não é ao mesmo tempo, pois está em transformação. Entre o que diz de si em contraposição ao que o outro afirma dele. Por isso, o indivíduo é inacabado, não se reduz a uma representação cristalizada de si, elaborada pelo outro, mas está em uma dinâmica constante de ser, a cada interação dialógica. Então, como fica o conceito de acabamento no contexto da dialética em Bakhtin, enquanto imagem, de totalidade, elaborada do outro sobre o indivíduo? A tríade de Bakhtin (eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim) é um movimento dialético, em contexto dialógico de fundo axiológico, que possibilita o processo de apreensão da imagem elaborada do outro para mim, pois

Não posso vivenciar-me convincentemente por inteiro encerrado em um objeto externamente limitado, todo visível e tátil, coincidindo completamente com ele em todos os sentidos, mas não posso representar o outro de modo diferente: tudo que conheço do interior dele e em parte vivencio empaticamente eu lhe insiro na imagem externa. Enquanto isso, eu vivencio minha própria consciência como se ela estivesse a abarcar o mundo, a abrangê-lo e não alojada nele. A imagem externa pode ser

⁷ No idealismo de Hegel, a consciência se constitui em negatividade, pois ela precisa estar em outra consciência-de-si para se reconhecer, no outro de si.



vivenciada como uma imagem que conclui e esgota o outro, mas eu não a vivencio como algo que me esgota e me conclui (Bakhtin, 2015, p. 37).

Enformar a si é elaborar uma imagem que contenha a si como totalidade, algo que o conclui. Isso, só seria possível no processo ontognosiológico do idealismo de Hegel (1770-1831). Hegel, ao buscar a objetividade do eu (consciência), apresentou o movimento da consciência-de-si em se pôr como objeto. A consciência-de-si se efetiva ao se extrusar, se colocar para fora de si, e se relaciona com as experiências da consciência como ser-em-si e o ser-para-si, alienadas para elas mesmas (§ 495), como espírito que é efetivo. De acordo com Hegel (§ 788, 2013, p. 517):

[...] Para a consciência-de-si o negativo do objeto, ou o suprasumir do objeto a si, tem significação positiva; ou seja, ela sabe essa nulidade do objeto, de uma parte, porque se extrusa a si mesma, pois, nessa extrusão se põe como objeto, ou põe o objeto como a si mesma em razão da inseparável unidade do ser-para-si [...].

Então, na perspectiva ontognosiológica de Hegel, a consciência pode se intuir como outro diferente de si. Dessa forma, permanece em si, mas se objetiva. Em termos bakhtinianos, ela enforma a si mesma. O que para Bakhtin não é possível, porque o indivíduo está limitado ao seu horizonte de visão. As experiências, as percepções e as representações do indivíduo não lhe possibilitam construir a sua própria imagem, por terem limitação externa (Bakhtin, 2015). Ele não consegue ter uma imagem sua na situação concreta, por não estar diante de si. Tal imagem só é possível ao outro, que está fora do indivíduo e de seu lugar exterior, e, por isso, tem um olhar sobre o indivíduo acerca de como ele está na situação, sua expressão facial e seu ‘cenário’ ao fundo. Dessa forma, o outro é concreto, no sentido materialista, indivíduo situado em um espaço, que pode elaborar essa imagem de totalidade sobre quem está diante dele, é a isso que Bakhtin denomina de acabamento, em perspectiva estética.



A perspectiva dialética bakhtiniana é axiológica e não contém uma síntese entre o pensamento e o mundo, do contrário, seria ontognosiológica. O acabamento estético que o indivíduo elabora é provisório, em uma constante dinâmica de contradições, que não é síntese, enquanto unidade objetiva que tende a se tornar absoluta, mas como forma espacial em imagem. Na estética de Bakhtin, o acabamento não se constitui em representações, mas muda no processo da alteridade em contingências a cada interlocução. Por isso, o dualismo kantiano é necessário para o dialogismo bakhtiniano. O acabamento, enquanto imagem de totalidade, é resultado da atividade estética de atribuir forma ao ato ético e ao indivíduo que o realiza. Esse processo é apresentado, por Bakhtin, no texto *O autor e a personagem na atividade estética*. Nele, Bakhtin analisa a relação do autor com a personagem, que já destacamos anteriormente. O autor assume um posicionamento axiológico e acentua as particularidades da personagem, pois seu interesse não é o todo dela, mas alguns de seus atos (Bakhtin, 2015). O autor-criador⁸, que enuncia, realiza uma avaliação éticocognitiva da personagem. Ainda para esse filósofo, essa avaliação é um momento dialógico que produz conhecimento. Nesse processo, elabora uma imagem da personagem, que contém o seu todo. A imagem é a forma espacial da personagem. Em uma perspectiva moral e social, as personagens podem ser consideradas indivíduos. Elas se distinguem do processo, de autoria, que as elaborou, se tornam vozes equipolentes e singulares. Bakhtin identificou, nos romances de Dostoiévski, as personagens dotadas de voz, em igualdade, com independência em relação ao autorcriador (Oliveira, 2013), que significa polifonia, enquanto multiplicidade de vozes.

⁸ Marchezan (2015) destaca que em Bakhtin há diferença entre o autor-criador, que é o herói, e o autor-pessoa, o leitor, mas sem uma ruptura radical. Eles habitam o mundo literário, o autor-criador compõe o mundo da literatura e o autor-pessoa o mundo da vida. A autora também destaca que a obra de arte é produzida no mundo da vida. No pensamento bakhtiniano, a individuação do autor-criador, em seu contexto histórico, é elaborada pelo leitor.



[...] A consciência da personagem é a consciência do outro, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens (Bezerra, 2016, p. 195).

A relação entre a personagem e o autor é traduzida no contexto social para a relação entre o eu e o outro. A afirmação que o autor profere, sobre a personagem, permeia o que a personagem enuncia de si mesma (Bakhtin, 2015). Isso acontece em uma alteridade que constitui o indivíduo. Na perspectiva bakhtiniana, a realidade estética é possível a partir de um lugar situado fora do outro, ressaltamos, não como o outro de si, mas como o outro diante do indivíduo. Esse outro avalia o seu interlocutor nos encontros da vida ao assumir um posicionamento axiológico quanto a ele (Faraco, 2009). Avaliação que o indivíduo pode ou não aceitar. Através do outro que realiza a avaliação, o indivíduo contempla a sua imagem externa. As expressões faciais do outro, exposições de sua alma, possibilitam ao indivíduo ter uma experiência da alma do outro que se apresentou aos seus olhos.

De fato, quando contemplo minha imagem externa – como viva e incorporada ao conjunto externo vivo – pelo prisma da alma avaliadora do outro, essa alma do outro, desprovida de autonomia, alma de escravo, insere um elemento falso e inteiramente estranho ao acontecimento-existência ético: não é uma geração produtiva e enriquecedora, porque [essa] geração carece de valor autônomo, é um produto falso, fictício que turva a pureza óptica da existência; aqui parece ocorrer uma fraude óptica, cria-se uma alma sem espaço, um participante sem nome nem papel, algo absolutamente extra-histórico [...] (Bakhtin, 2015, p. 29-30).

Essa é a crítica de Bakhtin à concepção idealista de outro de si. O indivíduo tem uma experiência de sua imagem externa através do outro. Imagem, forma com sentido de síntese e totalidade singular, que o outro elabora sobre ele e que conclui e contém a sua alma. Alma que o outro insere nessa imagem acessada por alguém de fora da consciência,



em sentido estético, o que lhe permite a visão do limite externo do outro. Para Aristóteles (IV, 430a, 5), a alma não está separada do corpo, pois, as afecções da alma acontecem com um corpo. Essa é a concepção hilemórfica de Aristóteles, na qual matéria (hylé) e forma (morphé) são inseparáveis. Nesse sentido de vínculo alma-corpo, destacamos a concepção dialógica de Volóchinov (2017) sobre a alma do indivíduo ao se apresentar ao outro através de expressões corporais, que organizam a experiência. Assim,

O corpo antes é sujeito e matéria. A alma, portanto, tem de ser necessariamente uma substância, no sentido de forma de um corpo natural que possui vida em potência. Ora a substância é um ato; a alma será, assim, o ato de um corpo daquele tipo [...] a alma é o primeiro ato de um corpo natural que possui vida em potência [...] Que a alma não é separável do corpo, ou pelo menos certas partes dela não são – se é que a alma por natureza é divisível em partes –, isso não resta dúvidas, pois ao ato de algumas <partes da alma> é o ato das partes mesmas <do corpo> (Aristóteles, 402a – 4013a, 2010 [século V a. C.]).

Röd (2008, p. 232) comenta que “[...] Aristóteles considerava a alma humana como a forma do organismo na totalidade, caracterizava-a não apenas como o princípio da espiritualidade, mas também [...] da faculdade perceptiva [...]”. Também destaca que “o pensamento racional é distinto da percepção [...], pois, segundo Aristóteles, a razão não capta a essência das coisas de modo imediato [...]”, pois as imagens da percepção estão vinculadas ao corpóreo. Assim, no pensamento aristotélico a percepção do corpo está relacionada à alma como forma do organismo. Logo, o corpo expressa a forma, alma, e o indivíduo pode ter uma experiência com a alma do outro, através das expressões e gestos corporais. Essa forma do corpo dispõe de razão, que apreende a forma das coisas, dotadas de matéria, através das impressões que afetam a alma. Movimento que Aristóteles apresenta em sua teoria da percepção. Na qual a alma percebe o mundo através do corpo,



enquanto princípio da faculdade perceptiva, que conduz o corpo enteléquia – e com ele constitui o organismo (Röd, 2008).

No pensamento aristotélico, o corpo desempenha uma função cognitiva de caráter material. Dessa forma, ele é instrumento da alma, ao sofrer alterações para que ela acesse a forma das coisas, que produzem a afecção, alteração, na faculdade perceptiva. O realismo aristotélico reconhece que através da percepção é possível discernir os objetos sensíveis e através do intelecto é possível conhecê-los (Aggio, 2009). Nessa perspectiva, o ser e o percebido são diferentes, porque o objeto sensível tem qualidades inerentes a ele, independentes da percepção do indivíduo; contudo, o indivíduo, ao perceber o objeto, elabora a forma sensível, que passa a existir quando produz afecção na faculdade perceptiva dele. Diante disso, o ser, objeto constituído de matéria, é distinto do indivíduo que o discerne. A distinção entre o ser e o que dele é percebido está presente no realismo, mas ao longo do processo histórico tem sua influência, em certa medida, sobre o materialismo dialético. Nele, o processo de transformação social, que descortina o fenômeno na busca por suas condições objetivas, relaciona todos os elementos sensíveis, que existem e passam a compor a síntese daquilo que o indivíduo percebeu.

A DIALÉTICA NO PENSAMENTO DE BAKHTIN

Bakhtin é um filósofo da linguagem na perspectiva do materialismo dialético. No século XIX Engels e Marx publicaram duas importantes obras para o pensamento materialista: *A ideologia alemã* (1845-1846) e *Manifesto do partido comunista* (1848). Plekhanov (1856-1918), filósofo russo, diferenciou o materialismo desses dois teóricos. Destacou que Engels apresentou o materialismo dialético e Marx o materialismo histórico (Mora, 2001). No materialismo dialético, os fenômenos do mundo concreto se constituem



enquanto processos diferentes de uma olhar materialista mecanicista, que concebe o mundo constituído de coisas sem movimento. Outro é o materialismo histórico, que identifica a existência humana no processo de trabalho desenvolvido nas relações de produção dentro dos modos de produção, com transformações sociais produzidas em um sentido dialético, permeado de conflitos e contradições sociais. Por isso, que é possível um materialismo dialético que não seja histórico, mas um materialismo histórico exige dialética.

É sugestivo perceber na leitura de Bakhtin um materialismo dialético que não é histórico, no sentido de ter como foco a luta de classes no contexto dos modos de produção, mas de uma compreensão de que entre elas circula ideologias, nas relações microscópicas do cotidiano. Hirschkop (2015) comentou que para Bakhtin a história da linguagem é a do romance, com o seu idealismo em acreditar na heteroglossia (vozes em dinâmica) que o constitui. A contradição, na perspectiva dialética em Bakhtin, acontece em um contexto semiótico, ideológico não no sentido do marxismo vulgar russo de 1929, mas de uma luta de signos, que podem ser compreendidos na sua relação com outros signos nos atos enunciativos, referentes a enunciados, nos processos interlocucionais. Considerar Bakhtin, enquanto materialista dialético, talvez, seja o caminho para lidar com a sua perspectiva materialista sem ser reduzida ao marxismo, pelo menos, não no sentido vulgar de uma concepção de relações restritas ao contexto econômico. O que provocou tensões na década de 80, com eslavistas estadunidenses e intelectuais russos buscando diferenciar o Círculo de Bakhtin da perspectiva marxista (Faraco, 2009). Isso, porque seria preservada a concretude das condições objetivas da filosofia do ato e ao mesmo tempo o processo dinâmico da linguagem no seu dialogismo. A concepção bakhtiniana de linguagem em uso, na qual acontecem relações de sentido entre enunciados, no contexto social da interação eu-outro, caracteriza o seu dialogismo. Enunciados que não são meras reverberações de



outro, embora não sejam completamente novos (Marchezan, 2015). Dialogismo para ele é a relação de sentido entre enunciados (Bakhtin, 2016). Nesse contexto, a alteridade em seu caráter ontofenomenológico se refere à existência do ser em sua relação fenomênica eu-outro e se desenvolve no processo de exterioridade.

A exterioridade é um conceito bakhtiniano relacionado ao espaço-tempo, elaborado na tradução que Todorov fez do termo russo para o francês *exotopie* (Amorim, 2006). O sentido do termo exterioridade é de um lugar que possibilita a criação do indivíduo pelo outro, na alteridade. O outro diante do indivíduo, eu físico e real, por estar fora tem acesso a elementos transgredientes, que estão para além do horizonte de visão dele mesmo. Dessa forma, excede à visão que o indivíduo tem de si, dos seus gestos e do ‘cenário’ na situação. É um excedente de visão na situação da interação dialógica que acontece no ‘entre nós’. Para Bakhtin (2015), em seu texto *Metodologia da Ciências Humanas*, acontece uma fusão entre o eu e o outro. Processo em que o eu não perde a sua idiossincrasia, mas a conserva ao preservar a sua distância do outro, por estarem no mesmo ambiente, mas possuírem horizontes distintos de visão. Suas consciências não coincidem no contexto da estética. O eu acessa a expressão do outro, que existe concretamente em uma situação do encontro no espaço-tempo. Isso, porque o indivíduo é falante e se expressa. É essa expressão, o jeito de olhar, o movimento dos lábios que acontece simultâneo a um ‘cenário’ real às costas do indivíduo; gestos e movimentos que estão para além de sua visão no momento. O eu acessa esses elementos, os quais transgridem, ultrapassam o próprio indivíduo, que na materialidade de seu corpo os expressa.

De um lugar privilegiado na existência, exterior, o eu atribui sentido a esses elementos transgredientes. Esse eu que também é habitado pelo outro, pois “[...] ao abrir-se para o outro, o indivíduo sempre permanece também para si [...]” Bakhtin, 2015, p. 394). É o que Bakhtin denomina de “[...] a complexa dialética do interior e do exterior [...]”



(p. 394). Esse processo dialético implica a alteridade, na relação euoutro, ao acontecer na existência, enquanto evento único, unitário e irrepetível. O acontecimento da existência é infinitamente aberto e o que o eu diz sobre si em uma situação, é tão singular e situacional, que não pode dar um acabamento, imagem completa, de sua própria vida. Isso, porque só o outro tem os elementos transgredientes, por estar em um lugar exterior, que lhe permitem dizer sobre o eu. Acabamento que é possível, porque o eu é expressivo e bilateral, por se constituir na interação entre a sua consciência e a do outro.

A alteridade que acontece na dialética possibilita ao indivíduo a compreensão do sentido que se materializa na expressão. A alma exteriorizada como forma do corpo, semelhante a uma perspectiva hilemórfica aristotélica, permite ao eu ter uma experiência vivida do interior do outro. Embora se possa questionar sobre como é possível alcançar o interior de alguém, o que a estética bakhtiniana propõe é que o interior, ao se expressar aos olhos do outro, não é o eu para si, enquanto o interior autocontemplado, mas o eu para o outro na fronteira da expressão, que possibilita o encontro de consciências. O sentido da expressão se traduz como acabamento estético que o outro elabora sobre o eu, por estar em um lugar exterior. Dizer sobre si, não lhe dá um significado axiológico objetivo; o que pode ser feito pelo outro, a partir da sua consciência valorativa, ao conter elementos estéticos. Dessa forma, o acabamento é uma criação estética que o outro elabora sobre o indivíduo, valorando a sua vida, como totalidade. Bakhtin (2015) apresenta a constituição estética do indivíduo, no contexto da alteridade, na relação entre o autor e a personagem no romance. O indivíduo, ao narrar sobre a sua vida ‘reverbera’ a voz dos outros, através de sua própria voz com um sentido idiossincrático. É a alteridade em mim, enquanto existência axiológica. Através dela, tanto o autor como a personagem fazem parte do mesmo contexto de valores. É esteticamente estéril a relação axiológica do indivíduo consigo. Ele elabora o acabamento estético do outro, enquanto sujeito, mas não pode se colocar como objeto,



nesse processo. Para o fazer, necessitaria estar em um posicionamento axiológico diante de si em uma situação concreta, o que não poderia, porque esse lugar é privilégio do outro. A existência do ser, ontologia, que sustenta o fenômeno da relação eu- outro, se fundamenta em um contexto axiológico.

Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica de outro, é a relação com o outro enriquecida pelo excedente axiológico da visão para o acabamento transgrediente. O autor se torna próximo da personagem apenas onde não há pureza da autoconsciência axiológica, onde, sob o poder da consciência do outro, ele toma consciência de si no outro dotado de autoridade (tanto no amor quanto no interesse dele) e onde o excedente (o conjunto de elementos transgredientes) é reduzido ao mínimo e não tem caráter essencial e intenso. Aqui o acontecimento artístico se realiza entre duas almas (quase nos limites de uma possível consciência axiológica) e não entre espírito e alma (Bakhtin, 2015, p. 175).

A relação de alteridade, em Bakhtin, tem a sua dinâmica na tríade dialética. Em um movimento em que o eu-para-mim tem como condição de existência o eu para-o-outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi compreender o processo dialógico em Bakhtin. No pensamento bakhtiniano o fundamento não é a ontologia, ser enquanto ser, mas a axiologia. O contexto axiológico é de constante produção de signos em conflito, dialética. O uso dos signos, nas interações dialógicas, produz valorações. A palavra, enquanto signo ideológico, quando usada pelo indivíduo, implica um posicionamento axiológico diante do ato enunciativo do outro. Para Bakhtin, o mundo material não é movido por representações, concepções estáticas, mas por ideologias, enquanto semioses que agem no e através do psiquismo. Elas são produzidas na interação dialógica e não em uma



consciência de si, que é conteúdo enquanto eu; mas da relação entre as consciências de si e do outro.

Em Bakhtin, o movimento da dialética acontece na interação dialógica e produz como síntese a imagem de totalidade do indivíduo sobre o outro, acabamento. Na dialética bakhtiniana o outro se contrapõe ao indivíduo concreto, com espaço e nome, da interação dialógica. A partir dessa perspectiva, o outro Eu não se apresenta em uma situação concreta, isso, por ser uma ‘farsa óptica’, uma ‘ilusão’. Essa é a diferença entre a dialética no idealismo e no dialogismo, que se refere à linguagem em uso, no contexto de conflitos sógnicos, produtores de imagens, enquanto formas espaciais. O processo de interação dialógica produz síntese com a conservação da tese e da antítese. No pensamento bakhtiniano, a síntese está relacionada à imagem externa que contém e reúne o outro por inteiro. Imagem, enquanto acabamento estético-ético construído pelo outro, distinto do indivíduo, mas que organiza as suas impressões em um todo concreto do seu horizonte plástico-pictural.

Na imagem, síntese, as contradições acontecem entre as vozes, equipolentes, a partir das quais o indivíduo assume posicionamentos. Assim, o que o outro afirma pode ser objeto de identificação do indivíduo ou contestado por outros valores de vozes, de sua história de vida, que o constituem. Diante disso, podemos afirmar que em Bakhtin há um materialismo dialético que acontece em um contexto axiológico produtor de acabamentos estéticos sobre os indivíduos. Como resultado, há três principais perspectivas filosóficas que dialogam com o pensamento bakhtiniano: 1) o realismo aristotélico, a partir da noção de corpo e de alma; 2) o neokantismo de Marburg, com a noção de tempo e espaço relacionados à cognição, bem como a de que as impressões são percebidas em unidade; e 3) o materialismo dialético de Lênin, com a concepção de contradição constitutiva das relações sociais e com a permanência da tese e da antítese na síntese. Assim, a estética



bakhtiniana se desenvolve em uma perspectiva semiótica no contexto axiológico, em um processo dialético que produz imagens, acabamentos estéticos, dos indivíduos que participam da interação dialógica.



REFERÊNCIAS

AGGIO, J. PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO SEGUNDO ARISTÓTELES, PLATÃO E PROTÁGORAS: uma breve comparação. *Prometeus - Filosofia em Revista*, n. 3, p. 70-85, 2009. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/729>. Acesso em: 18 maio. 2020.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: Brait, B. (org.). **BAKHTIN: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 95-114.

ARISTÓTELES. Sobre a alma. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. [século V a. C.]

BAKHTIN, M. M. *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. [1920-1924]

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: **BAKHTIN, M. M.** *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 3-192. [1924]

_____. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016. [1952-1953]

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **BAKHTIN: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 191-200.

OLIVEIRA, M. B. F. de. A noção de acabamento como elo entre a atividade estética e o ato ético. *Polifonia*, v. 27, n. 27, p. 73-88, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229914479.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FARACO, C. A. Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 12, n. 2, p.45-56, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457331815>. Acesso em: 14 maio. 2019.

_____. **LINGUAGEM & DIÁLOGO:** as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013. [1807]



HIRSCHKOP, K. Bakhtin contra darwinianos e cognitivistas. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 173-186, jan./abril. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457324722>. Acesso em: 14 maio. 2019

HOLQUIST, M. A fuga do cronotopo. In: **BEMONG**, Nele (org.). **BAKHTIN E O CRONOTOPO**: reflexões, aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 34-51.

LAWN, C. Compreender Gadamer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARCHEZAN, R. C. A noção de autor na obra de M. Bakhtin e a partir dela. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 186-204, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457322365>. Acesso em: 14 maio 2020.

MEDVIÉDEV, I. P.; **MEDVIÉDEVA**, D. A.; **SHEPHERD**, D. A Polifonia do Círculo. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 99-144, jan./abril. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457324397>. Acesso em: 14 maio 2020.

MORA, F. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIZZATTO, R. A síntese no processo dialético. In: **LUFT**, E.; **PIZZATTO**, R. (org.). **DIALÉTICA HOJE**: filosofia sistemática. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2009. p. 146-167.

RENFREW, A. Mikhail Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2017.

RÖD, W. **O CAMINHO DA FILOSOFIA**: dos primórdios até o século XX. Tradução de Maurício Mendonça Cardoso, Caio Heleno da Costa Pereira e Roniere Ribeiro do Amaral. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

SOBRAL, A.; **GIACOMELLI**, K. **MFL EM CONTEXTO**: algumas questões. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 154-173, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457323023>. Acesso em: 14 maio. 2020.

VOLÓCHINOV, V. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.



54

ŽIŽEK, S. MENOS QUE NADA: Hegel e a sombra do materialismo dialético. São Paulo: Boitempo, 2013.